

De volta ao futuro da língua portuguesa.
Atas do V UO GNR/"Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
Simpósio 57 - Práticas interculturais de ensino de português, 4253-4268
ISBN 978-88-8305-127-2
DOI 10.1285/i9788883051272p4253
<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

SER BRASILEIRO EM PORTUGAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DOS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE LICENCIATURA INTERNACIONAL (PLI)

Francisco José Quaresma de FIGUEIREDO¹²

RESUMO

Este estudo se filia à linha de pesquisa em Linguística Aplicada e tem por objetivo compreender o processo de aprendizagem em experiências de intercâmbio (Byram, 1997; Byram; Fleming, 1998; Engberg; Jourian, 2015; Sena et al., 2014), bem como a questão da interculturalidade, questões identitárias e possíveis quebras de estereótipos (Archer, 2001; Kramsch, 1998; Roberts et al., 2001), a partir de relatos de alunos brasileiros da Universidade Federal de Goiás (UFG) que participaram do Programa de Licenciatura Internacional (PLI), em uma universidade portuguesa, de 2012 a 2014. Para tanto, os participantes foram entrevistados sobre suas experiências de aprendizagem durante o programa de intercâmbio em Portugal. Os resultados demonstram que a participação no PLI proporcionou aos participantes oportunidade de refletir sobre questões identitárias, bem como a desmistificação de alguns estereótipos e mudanças de crenças. Puderam também comparar o sistema educacional nos contextos brasileiro e português. A participação no PLI fez com que os participantes também desenvolvessem uma maior autonomia e uma maior segurança no campo profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem em situações de intercâmbio. Questões identitárias. Quebra de estereótipos. Interculturalidade.

1. Introdução

Temos presenciado, nos últimos anos, no Brasil, muitos programas implementados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no sentido de proporcionar, a estudantes brasileiros, a oportunidade de participar de intercâmbios no exterior. Vários autores valorizam as oportunidades de aprendizagem decorrentes da participação em programas de intercâmbio em um país estrangeiro (Byram, 1994, 1997; Byram; Fleming, 1998; Roberts et al., 2001; Amuzie;

12 UFG, Faculdade de Letras. Departamento de Línguas Estrangeiras. Endereço para correspondência: Rua 8, no. 680, Ed. Kennedy, apt. 1201, Setor Central, Goiânia, Goiás, Brasil. CEP: 74.013-030. E-mail: fquaresma@terra.com.br

Winke, 2009; Campos; Figueiredo, 2010, Ellwood, 2011; Kinginger, 2011), visto que, por meio de tal participação, o aprendiz tem a oportunidade de aprender ou desenvolver não apenas outra língua, ou aprender outro sotaque, mas também aprender sobre outros estilos de vida e práticas culturais (Byram; Fleming, 1998; Wang, 2010; Ellwood, 2011).

Alguns autores afirmam que há uma grande lacuna entre aprender sobre outras práticas culturais e aprender com essas práticas e através delas (Barro; Jordan; Roberts, 1998; Kramsch, 1998), práticas culturais, nesse sentido, sendo definidas como “as experiências vividas de grupos ou de indivíduos quando desempenham papéis sociais e expressam significado nos acontecimentos do dia a dia” (Roberts et al., 2001:81).

Nessa perspectiva, se você faz parte de um grupo, você não tem consciência dele como cultura, mas como identidade. Por exemplo, você pensa em você como um goiano, um estudante, um católico, ou seja, pertencendo àquele grupo e não como tendo a cultura daquele grupo. “Somente quando você entra em contato com outro grupo é que as práticas linguísticas e culturais são enfocadas” (Roberts et al., 2001:67).

De acordo com Roberts et al. (2001:67), as “pessoas se percebem como diferentes quando entram em contato com um outro grupo, e esse senso de diferença reforça a percepção delas de pertencer a um grupo em particular”.

A participação em programas de intercâmbio favorece, pois, a aprendizagem ou o desenvolvimento de outra língua ou de outro sotaque, o desenvolvimento da competência acadêmica e intercultural, bem como o desenvolvimento do aluno como indivíduo. Em vista disso, podemos, pois, perceber um aumento nas bolsas de estudo que favorecem a estada de alunos no exterior (CAPES-FIPSE, CAPES-BRAFITEC, Erasmus Mundus, Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades, Ciência sem Fronteiras, Programa de Licenciatura Internacional (PLI) etc.).

Além do mais, a participação em intercâmbios realizados no exterior tem o potencial de tornar as pessoas mais autônomas e mais responsáveis na medida em que terão de viver longe de seus pais ou responsáveis e terão de sair de sua zona de conforto (seus lares) para morar no local em que realizarão o intercâmbio e se ajustar à cultura do novo contexto (Anderson et al., 2006; Behnke; Seo; Miller, 2014; Dalmolin et al., 2013; Ellwood, 2011; Engberg; Jourian, 2015; França, 2008; Kinginger, 2013; Pedersen, 2010; Salisbury et al., 2009; Sena et al., 2014; Yang; Webster; Prosser, 2011).

A comunicação intercultural está, portanto, vinculada à ideia de identidade e interação. Um indivíduo intercultural seria, pois, aquele que, consciente de suas

identidades e culturas e das percepções que outras pessoas têm destas, é capaz de estabelecer relações entre a sua cultura e a cultura da comunidade em que está inserido, ser um mediador entre as diferentes culturas, explicar as diferenças entre elas, compreendê-las e valorizá-las.

Desse modo, a abordagem intercultural de ensino tem por objetivo conduzir o aprendiz a uma compreensão do “outro” do país estrangeiro por meio da aprendizagem de sua língua e cultura. De acordo com Figueredo (2007), em todo esse processo, é possível que o aprendiz passe por situações que lhe causem choques culturais, em que sentimentos de estranhamento, frustração e, até mesmo, ira podem perpassar o processo comparativo entre a sua cultura e a cultura estrangeira, bem como uma distância social que denota as divergências entre as duas culturas.

Figueredo (2007:56) afirma, ainda, que

é possível que problemas de compreensão sobre a cultura estrangeira ocorram quando os membros de uma determinada cultura assumem que o seu modo de agir, de conceber o mundo ao seu redor, suas formas e significados são sempre as mais corretas e, portanto, ao se depararem com comportamentos diferentes, tendem a avaliá-los como incorretos. Em suma, o fato de os valores culturais de um determinado grupo serem normalmente fundamentados em noções quase nunca questionadas faz com que discordâncias apareçam em várias tentativas de compreensão entre uma cultura e outra.

Uma perspectiva intercultural de ensino de línguas proporciona, pois, uma reflexão sobre a cultura do “eu” e a cultura do “outro”, fazendo com que se compreendam melhor as questões identitárias que afloram por meio dessa reflexão.

De acordo com Figueredo (2007:65),

[n]ossas identidades sociais nos representam e revelam tudo aquilo que somos, acreditamos e fazemos. Sua construção se dá por meio da linguagem, do simbólico e, sobretudo, de nossas práticas discursivas, isto é, pelo modo como produzimos nosso discurso em relação ao “outro” e como ele nos influencia pelo seu próprio. É pelo fato de o “outro” e suas identidades existirem, que as nossas identidades também existem, e entre “nós” e “eles” há uma distinção. É na ação de olhar para o “outro”, que percebemos a existência de outras identidades, ora diferentes ora semelhantes, mas que, ao mesmo tempo, garante a presença daquelas que nos constitui.

Conforme afirmam Byram e Fleming (1998), todos nós temos um número de identidades sociais, pois pertencemos a determinados grupos sociais, possuímos crenças e valores e participamos de práticas culturais. Quando vamos para outro país e

interagimos com estrangeiros, com uma identidade nacional diferente, é a nossa identidade nacional que fica evidente, principalmente nos estágios iniciais desse processo. E a forma como nos abrimos ou não para a cultura do “outro” pode trazer diferenças significativas nas interações que teremos com o “outro”, e isso poderá influenciar positivamente ou não nossa experiência de intercâmbio (Ellis, 1994; Ellwood, 2011).

Outro ponto a ser considerado ao se ter contato com outra cultura é a confirmação ou não de estereótipos, visto que é comum a existência de estereótipos nacionais (Coleman, 1998). Por exemplo, os americanos são tidos como um povo que adora hambúrguer, os ingleses como sendo pontuais etc. Segundo Figueredo (2007:102), “o não-estabelecimento de uma compreensão mútua entre a cultura do aprendiz e a cultura-alvo e, sobretudo, de um diálogo que promova o respeito entre suas identidades, pode encorajar a cristalização de estereótipos já existentes e estimular, ainda mais, a adversidade entre as culturas em questão”.

Como se percebe, são várias as questões que estão envolvidas no processo de aprendizagem em um país estrangeiro, ocasionadas pela participação em programas de intercâmbio. Dessa forma, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão desse processo para que, com isso, se possa dar aos participantes desses intercâmbios uma preparação mais adequada para lidar com questões relacionadas ao “outro”, a estereótipos e a identidades, visto que os tempos atuais requerem outras competências do aprendiz de línguas e, conseqüentemente, a criação de um novo currículo, no qual seja dada prioridade à comunicação e à compreensão intercultural.

2. O estudo

O objetivo deste estudo¹³ é tentar compreender as experiências de alunos brasileiros em sua participação no programa de intercâmbio denominado Programa de Licenciatura Internacional PLI. De 2012 a 2014, coordenei, na UFG, o Projeto PLI, em pareceria com uma universidade portuguesa.¹⁴ Trata-se, pois, de uma pesquisa narrativa em que os participantes narraram e refletiram sobre suas experiências durante o período

13 Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG.

14 Por questões éticas, será omitido o nome da universidade portuguesa.

de intercâmbio. De acordo com Dutra (2002: 373), “a narrativa, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, se reconstrói à medida em que é narrada.” Assim, os participantes, ao responderem às perguntas da entrevista, puderam também refletir sobre suas experiências enquanto intercambistas e fazer um paralelo entre sua vida acadêmica no Brasil e a vivida em Portugal, durante a participação no PLI.

O objetivo principal do PLI é elevar a qualidade da graduação, tendo como prioridade a melhoria do ensino dos cursos de licenciatura e a formação de professores, por meio da ampliação e dinamização de ações voltadas à formação inicial e implementação de novas diretrizes curriculares para a formação de professores, com ênfase no ensino fundamental e no ensino médio. Sete intercambistas permaneceram 24 meses em uma universidade portuguesa: cinco estudantes do curso de Letras da UFG, da Regional Goiânia, um da Regional Jataí e outra da Regional Catalão. Durante esses 24 meses, ele tiveram de fazer um número de créditos que lhes possibilitam, ao se graduarem, ter o Diploma tanto da Universidade Federal de Goiás quanto da universidade portuguesa.

Participaram desta pesquisa 4 alunos da UFG, da Regional Goiânia, que estudaram na universidade portuguesa durante a vigência do Programa PLI. Para obtenção dos dados para esta pesquisa, os participantes foram entrevistados,¹⁵ individualmente, para expressar suas percepções sobre o período de intercâmbio de que participaram e, para preservar a sua identidade, eles escolherão pseudônimos para si.

3. Análise dos dados

Neste estudo, foram enfocados os seguintes temas recorrentes nos relatos dos participantes: questões identitárias; a desmistificação de estereótipos; o sistema educacional nos contextos brasileiro e português; maior autonomia e uma maior segurança no campo profissional.

15 As perguntas da entrevista encontram-se em apêndice ao final deste texto.

3.1 Questões identitárias

Ao ter contato com o “outro”, os participantes puderam refletir sobre suas identidades, sobre o modo e o estilo de vida das pessoas de sua comunidade, bem como sobre o modo e o estilo de vida das pessoas da nova comunidade.

No exemplo 1, Carla afirma que se percebeu brasileira ao sofrer preconceito por não fazer parte da comunidade portuguesa e por ser tachada como “fácil” por alguns portugueses. Ela, Eduardo (exemplo 2) e Júlia (exemplo 3) relatam que se uniram mais aos demais brasileiros residentes em Portugal por encontrar neles um comportamento e traços culturais semelhantes aos seus. Vejamos os relatos:

- [1] Pesquisador: E como foi se perceber brasileira em Portugal?
- Carla: Foi mais em situações de preconceito, eu acho. Porque até então, pra mim tinha diferenças culturais, mas ao passar por algumas situações, eu percebi que, como brasileira, a gente tem uma imagem não tão boa lá fora. Já teve situações com os meus amigos, eu entrando numa festa, um rapaz que eu nunca vi na minha vida, aí o português falou “olha lá, é brasileira, tá fácil”, sabe, sem nem te conhecer. Então quando você passa por essas situações, você vê que você faz parte daquilo, de uma forma indireta e direta também porque você acaba carregando essa imagem que foi construída ao longo do tempo, sabe? Mas além dessas questões chatas, tem também a questão de identidade, dos outros brasileiros que eu conheci lá, que a gente ficou muito unido. Eu acho que muito por se sentir mais próximo porque quando você não tem família, lá não tem nada, os outros brasileiros acabam se tornando a nossa família. Eu acho que é uma questão bem identitária mesmo porque a gente vê o que de comum em cada um, aí a gente fica mais próximo.
- [2] Eduardo: Eu acho que eu fui me percebendo brasileiro, mais no fim, talvez. Mas meu choque principal foi mais no fim mesmo. Porque eu cheguei, assim, pensando, é Portugal, a gente tem a mesma língua, então tem uma proximidade muito maior. E depois de dois anos de experiência, eu vi que é realmente uma cultura mais diferente, então, tinha coisas que eram mais difíceis de eu me identificar com eles. Mas se perceber brasileiro é se perceber semelhante aos meus amigos, por exemplo, que estavam lá, brasileiros. É se perceber de um país bem diferente, bem diversificado.
- [3] Júlia: Eu acho que o fato de ter muito brasileiro, a gente prefere ficar com quem a

gente se identifica mais. É mais confortável, digamos assim, para um brasileiro, entrar naquela comunidade brasileira e permanecer. Os portugueses são mais difíceis de fazer amizade do que os brasileiros. O brasileiro você conhece hoje e amanhã já é seu amigo de infância. Os portugueses não são tão abertos quanto os brasileiros. Eu percebi que os alunos da universidade que são mais velhos, porque tinha uns que são mais velhos que eu, eles eram bem amigáveis, estavam mais abertos à amizade. Tinham iniciativa de vir conversar de interagir. Já os mais novos permaneciam no grupo deles, né, com os outros portugueses, e não tinham muita interação.

- [4] Anastácia: Eu acho que eu reafirmei a minha identidade de brasileira, eu estava num lugar, eu estava fora da minha pátria. Por isso que eu procurei fazer mais amizade com brasileiro, pra reafirmar minha identidade, pra ter a raiz ainda.

Esses relatos dos participantes coadunam com a afirmação de Roberts et al. (2001) de que somente quando temos contato com outro grupo que tem uma cultura e hábitos diferentes dos nossos é que nos percebemos como pertencendo a um determinado grupo de pessoas cuja cultura e nacionalidade são as mesmas que as nossas.

3.2 A desmistificação de estereótipos e mudanças de crenças

A participação no programa de intercâmbio fez com que alguns estereótipos fossem desmistificados e algumas crenças fossem alteradas. Antes do intercâmbio, a maioria dos participantes tinha a noção de que os portugueses eram mal educados, que Portugal era um país pequeno e pensavam em crise econômica como um estado de pobreza. Após o intercâmbio, perceberam que, na realidade, os portugueses não são mal educados. Eles apenas têm um jeito muito objetivo de falar, o que pode soar como grosseria para os brasileiros. Perceberam que o país é menor do que pensavam e viram que, devido a isso, é muito fácil se deslocar de um lugar para o outro. Achavam que não teriam problema para entender o português falado em Portugal, visto que são falantes da mesma língua. Viram que, apesar da crise, os portugueses viviam muito bem, com conforto, como podemos verificar nos seguintes relatos:

- [5] Júlia: Eu acho que o jeito deles direto de falar, que os brasileiros às vezes confundem com grosseria. Porque eles tem um jeito muito direto e específico de falar as coisas.
- [6] Anastácia: Outro estereótipo que eu tinha era que eles eram muito sem educação, grossos. Aí a gente vai aprendendo, né? Às vezes, eles parecem ser carrancudos, mas não são exatamente. É que pra eles, algumas coisas são tão óbvias, pra eles está tudo tão esclarecido, tão óbvio. Por exemplo, você vai comprar um picolé e pergunta: “tem de fruta?”. Aí eles, “olha aí”. A maneira deles, pra eles tudo é óbvio e não precisa de explicação. Brasileiro já é diferente, já fica perguntando: “Como é que é isso? Como é que é aquilo?” Esse estereótipo de eles serem mal educados caiu porque eu entendi que é o jeito deles. A maneira como eles foram criados, eles vão repassar isso. Não cabe à gente julgar ou não. Cabe à gente entender e se adaptar àquilo.
- [7] Júlia: Eu tinha ideia de que Portugal era muito pequeno, mas quando eu cheguei lá eu vi que era muito menor do que eu pensava. Sim, muito fácil de deslocar de um lugar pro outro. E mesmo sendo um país tão pequenininho, cada lugarzinho lá tem coisas diferentes um do outro, sabe? Cada lugar tem costumes ali, coisas típicas.
- [8] Anastácia: Eu sabia que Portugal estava em crise, mas eu achei que as pessoas viviam pior porque quando a gente pensa em crise, a gente sempre vê pobreza. Mas, não, lá não, a qualidade de vida, mesmo na crise, eles reclamam bastante, pra eles nunca tá bom nada. Mas eu pensei que eles estariam vivendo pior.
- [9] Anastácia: A primeira semana na faculdade, ah, que choque. Primeiramente a língua, porque você pensa assim, português, né, vai correr tudo bem. Quando eu cheguei e vi o quanto era difícil entender o português de Portugal, já foi o primeiro choque.

Devido ao fato de terem residido em Portugal por dois anos e de terem estado inseridos em uma comunidade cultural diferente da sua, os participantes puderam perceber algumas nuances culturais que são perceptíveis apenas em situações de imersão, em que a compreensão do “outro” é favorecida (Coleman, 1998; Figueredo, 2007).

3.3 O sistema educacional nos contextos brasileiro e português

Os participantes também puderam comparar o sistema educacional nos dois contextos, como é ilustrado no seguinte quadro:

Quadro 1: O sistema educacional nos contextos brasileiro e português

UFG	Universidade portuguesa
1. Uma relação mais próxima entre professor e alunos.	2. Uma relação mais distanciada entre professor e alunos.
3. Os alunos brasileiros interagem mais em sala de aula.	4. Os alunos portugueses não interagem muito nas aulas.
5. Maior dificuldade para o aluno conciliar estudo, trabalho e vida social.	6. Mais facilidade para o aluno conciliar estudo trabalho e vida social.
7. Carga horária menor, aulas ocorrem, geralmente, só em um turno.	8. Carga horária grande das disciplinas, aulas ocorrem o dia todo.
9. Não há a possibilidade de o aluno optar por um tipo de avaliação.	10. Há a possibilidade de o aluno optar por um dos tipos de avaliação disponibilizados.

De acordo com os participantes, o fato de a maioria dos alunos portugueses não ter de trabalhar facilita-lhes a aprendizagem. Como o custo de vida na cidade em que residiram era muito barato, os pais portugueses conseguiam sustentar seus filhos para que eles pudessem se dedicar aos estudos. No Brasil, por sua vez, a maioria dos alunos brasileiros trabalha para se sustentar, o que faz com que considerem a vida do aluno brasileiro mais difícil, como é ilustrado nos exemplos 10, 11 e 12:

[10] Eduardo: Lá em Portugal, eu tinha uma vida mais tranquila, menos estressante, por conta da segurança, de não ter que trabalhar, né, eu fui num contexto de bolsa, então não precisei trabalhar. A questão de segurança, a facilidade de transporte, é mais fácil de sair desse caos, desse estresse que a gente tem aqui no Brasil. Aqui eu já voltei pra outra vida, então eu tenho de trabalhar, tenho de viver com a minha mãe, tenho de correr pra tudo quanto é lado da cidade, pensando que lá a gente fazia tudo a pé, tudo muito saudável. Nesse sentido, fico com saudade, foi uma experiência muito boa.

[11] Anastácia: Os alunos portugueses não tinham de trabalhar, pois os pais deles os sustentavam. O custo de vida lá é muito barato. Com 400 euros, você vive muito bem lá. Os pais davam conta de sustentar os filhos e pagar as propinas da universidade. E a propina pro estudante português era de 1.000 euros anuais. A propina para os estudantes estrangeiros era mais alta, no último ano estava em 7.800 euros. Eu não conheci nenhum português que trabalhava. Sempre os pais sustentavam.

- [12] Carla: Parece que lá em Portugal, eles levam mais a sério. Eles saem da casa dos pais e moram no local em que vão estudar, para ter uma vida mais acadêmica. A vida acadêmica lá é bem diferente do que eu vejo aqui, por exemplo. Lá eu via gente estudando toda hora. É muito pesado. À noite tinha as festas, loucura, coisa de jovem. Mas quando era a época de estudar, eu acho que era mais intenso, mais levado a sério às vezes do que aqui. Também não sei se tem a ver com a nossa vida de estudante aqui. Eu como bolsista fui pra lá, então a minha obrigação era estudar. Então, eu tinha que estudar sempre. Agora aqui, eu morando aqui, não sendo bolsista, eu tenho de trabalhar para me manter. Então, a vida é diferente.

Os alunos brasileiros perceberam, também, uma diferença no modo como as aulas são ministradas nos dois contextos. Para eles, as aulas no Brasil são mais dinâmicas e favorecem a participação e a interação dos alunos. Já no contexto português, as aulas são mais tradicionais, e os professores mantêm um certo distanciamento do aluno, o que faz, segundo os participantes, com que os alunos portugueses não participem tanto das aulas. Resultados semelhantes foram encontrados por Sena et al. (2014:16), em que, “[n]a opinião de alguns intercambistas brasileiros, a relação professor-aluno, nas universidades europeias, parece se caracterizar pelo formalismo, com os professores mantendo uma distância em relação aos alunos.” Vejamos os relatos dos participantes:

- [13] Carla: Nós temos uma formação aqui muito mais crítica do que lá. Lá tem muito aquela coisa, assim, de o professor estar lá na frente e ele não poder ser questionado. E aqui a gente não é assim. Então, quando a gente chegou lá, já virou hábito questionar e tal para entender mais. A relação professor-aluno aqui é mais forte e a gente acabou levando isso pra lá. Tinha professores que gostavam e outros não.

- [14] Eduardo: Os brasileiros participam, sim, muito das aulas, todas as disciplinas que eu fiz aqui na Letras, todos participaram muito, por mais que haja alunos mais calados, mas sempre há discussão. E lá nas disciplinas era a gente, os brasileiros, que falava. Os portugueses ficavam calados. Eu acho que ficam calados por causa dessa hierarquia mesmo que é muito forte entre professor e aluno.

- [15] Júlia: Lá em Portugal, há uma postura por parte dos professores muito tradicional, um ou outro professor que tenta mudar aquele quadro, mas tem professores muito antigos na faculdade que mantêm aquele quadro, achei mais tradicional do que

aqui. Considerando que oitenta por cento da sala eram de brasileiros, a interação era excelente, inclusive com alguns professores. Teve professores que a gente manteve até um nível de amizade, que o professor ia na nossa casa, que participava das nossas reuniões e coisas assim. Mas a interação com os alunos portugueses em sala de aula era mínima.

- [16] Anastácia: É muito difícil um português participar em sala de aula. A participação em sala de aula era em peso dos brasileiros. E os professores adoravam isso porque eles não estavam acostumados. Os portugueses, não só os portugueses, os europeus em geral, eles entram, sentam, anotam, só, e saem. Agora eu não, eu anotava, perguntava, “ah, então é assim?” Eu reformulava e isso sim é uma diferença porque aqui nós estamos acostumados a participar das aulas, lá não. Tem uma divisão tão grande entre professor e aluno. Os alunos portugueses não se referem pelo professor pelo nome. Ah, é a Doutora fulano de tal. Isso pra mim é um abismo entre o aluno e o professor, isso acanha um pouco o aluno, inferioriza um pouco a condição dele. Brasileiro já tratava o professor pelo nome, e eu não percebi que isso fosse um problema para eles, até gostavam mais.

Como podemos perceber por esses relatos, todos os quatro participantes perceberam diferenças significativas entre a forma como as aulas são ministradas no Brasil e em Portugal. Todos reconhecem que, no Brasil, os alunos são mais participativos nas aulas, e este espírito participativo foi levado para as aulas ministradas na universidade brasileira, o que fez com que os professores portugueses apreciassem tal participação.

3.4 Maior autonomia e uma maior segurança no campo profissional

A participação no PLI fez com que os alunos, por dois anos, vivessem longe de seus pais e tivessem de assumir responsabilidades que eram inexistentes antes do período do intercâmbio, como, por exemplo, ter de cuidar de uma casa, de pagar contas, gerir as finanças etc. Isso fez com que passassem a ter uma postura mais responsável e madura na vida. O fato de terem estudado em uma universidade portuguesa por dois anos possibilitou-lhes cursar disciplinas que não são oferecidas na universidade de origem, além de terem estudado com grandes especialistas da literatura portuguesa. A participação no PLI também lhes possibilitou ter dupla titulação ao se graduarem, o que,

indubitavelmente, lhes coloca no mercado de trabalho com condições privilegiadas por terem um diploma brasileiro e um português. Tiveram, também, a oportunidade de viajar, de conhecer outros países, outras culturas, de se aventurar mais, como é ilustrado nos seguintes exemplos:

- [17] Carla: Eu espero que mais pessoas tenham a oportunidade de conhecer, de ter essa experiência porque eu acho que eu consegui melhorar enquanto ser humano, não só enquanto estudante, mas como pessoa. Hoje eu consigo conhecer outras pessoas, viajar, fazer outras coisas. Por exemplo, eu sou bolsista PROLICEN, ganho uma bolsa de 400 reais e consigo viajar com esse dinheiro. Eu consigo, não ficar querendo luxo, colocar a mochila nas costas e conhecer outros lugares. Isso é muito importante, se aventurar mais. Às vezes, a gente deixa de conhecer outros lugares porque não tem dinheiro. Na verdade você tem, só não consegue administrá-lo. Eu acredito que consegui melhorar isso. Até a consciência em relação à água e à energia que você está gastando, né? Quando você começa a pagar as suas contas, eu agora tenho a consciência de como funciona uma casa, o que é necessário para mantê-la, não é fácil. Então, eu me tornei consciente de tudo isso.
- [18] Eduardo: Só o fato de sair do lugar em que a gente nasce, já vale a pena, né? Contribuições em nível de conhecimento, aprendi muitas coisas. Tive oportunidade de estudar com professores que eram especialistas em Fernando Pessoa, em Saramago. Do ponto de vista profissional, tive essas oportunidades e de estudar cultura africana, literatura africana, que a gente não tinha aqui, né, e acho que aumentou o espírito de aventura também. Ganhei espírito de aventura e achar que é fácil sair da sua zona de conforto.
- [19] Júlia: Com o programa, eu fiquei mais madura, fiquei mais responsável em relação ao que eu quero para minha vida, a minha vida acadêmica, minha vida pessoal, aprendi a lidar melhor com as pessoas, [...] nunca tinha vivido com vários amigos num apartamento, e a gente conseguiu lidar ali com o dia a dia, conversar sobre os problemas. E isso foi porque eu saí do meu país, saí do conforto dos meus pais, né, da proteção, e fui aprender a lidar com a minha vida, a cuidar da minha vida financeira, a cuidar da minha saúde sozinha, a resolver tudo sozinha sem poder contar muito com pai e com mãe, que sempre estão perto ajudando, a lidar com coisas básicas igual a manter uma casa, cuidar de tudo que tem aquela casa, e acho que por isso eu ampliei bastante os meus horizontes.

- [20] Anastácia: O fato de você ter dois diplomas é um diferencial, quem tem dois diplomas de graduação no mesmo curso?
- [21] Júlia: A oportunidade que eu tive de conhecer tantos outros países, tantas outras culturas, foi maravilhoso. Nós ganhamos muito mais experiência no sentido acadêmico porque a gente teve oportunidade de fazer disciplinas que aqui a gente não faria, e eu acho que, nesta parte, a gente enriqueceu muito não só o conhecimento de mundo, mas o conhecimento acadêmico mesmo. Tivemos oportunidade de cursar disciplinas com pessoas de alto nível, e também fugimos um pouco do que é só da grade daqui. Se a gente ficasse só aqui, a gente não viria tantas coisas que a gente viu lá, como, por exemplo, culturas africanas, literaturas africanas, e eu fiquei apaixonada por literatura africana graças a um professor de lá e foi uma disciplina que eu cursei justamente pelo fato de o programa dar essa oportunidade pra gente. Expandiu, achei maravilhoso.

Esses relatos nos mostram que a participação em programas de intercâmbio no exterior contribui para o desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional dos intercambistas (Anderson et al., 2006; Dalmolin et al., 2013; Engberg; Jourian, 2015), na medida em que podem conhecer outros lugares, outras culturas, ter outras vivências acadêmicas e poder levar essa experiência para suas futuras salas de aula.

4. Considerações finais

Os resultados deste estudo apontam para o fato de que a participação em programas de intercâmbio no exterior proporciona aos alunos crescimento intelectual, cultural, pessoal e profissional.

A participação no programa de intercâmbio fez com que, por meio do contato com o “outro”, os alunos pudessem refletir sobre questões identitárias e culturais. Concordo com Figueredo (2007:241, grifos da autora) quando afirma que “[o] modo como o “eu” e o “outro” e suas subjetividades interagem pode proporcionar aberturas pelas quais os estereótipos que os anulam como seres culturais únicos sejam desfeitos”. Por meio dos exemplos apresentados, pudemos perceber que alguns estereótipos dos alunos foram desmistificados com a experiência que tiveram no país estrangeiro e, conseqüentemente, com a oportunidade de estarem observando a cultura do “outro”.

Com base nisso, é importante que, não somente nas aulas de língua estrangeira, mas também nas aulas de língua portuguesa, sejam incluídas discussões sobre aspectos culturais, sobre a variedade do português de Portugal, de modo a permitir reflexões significativas sobre o “eu” e o “outro”, sobre o familiar e o estranho, o que proporcionará uma aglutinação dos aspectos linguísticos e culturais e, como resultado, a possibilidade de nossos alunos se desenvolverem não apenas academicamente, mas também culturalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amuzie, Grace Lee; Winke, Paula. 2009. Changes in language learning beliefs as a result of study abroad. *System*, v. 37, p. 366-379.

Anderson, Philip H. et al. 2006. Short-term study abroad and intercultural sensitivity: A pilot study. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 30, p. 457-469.

Archer, Carol M. 2001. Culture bump and beyond. In: Valdes, Joyce Mary (Ed.). *Culture bound: bridging the cultural gap in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 170-178.

Barro, Ana; Jordan, Shirley; Roberts, Celia. 1998. Cultural practice in everyday life: The language learner as ethnographer. In: Byram, Michael; Fleming, Michael (Ed.). *Language learning in intercultural perspectives: Approaches through drama and ethnography*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 76-97.

Behnke, Carl; Seo, Soobin; Miller, Kay. 2014. Enhancing the study abroad experience: A longitudinal analysis of hospitality-oriented, study abroad program evaluations. *Tourism Management*, v. 42, p. 271-281.

Byram, Michael. 1994. Cultural learning and mobility: The educational challenge for foreign language teaching. *Fremdsprachen und Hochschule*, v. 41, p. 5-22.

Byram, Michael. 1997. *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Clevedon: Multilingual Matters.

Byram, Michael; Fleming, Michael (Ed.). 1998. *Language learning in intercultural perspectives: Approaches through drama and ethnography*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-15.

Campos, Maria Cristina Pimentel; Figueiredo, Francisco José Quaresma (Ed.). 2010. *Intercultural and interdisciplinary studies: pursuits in higher education*. Viçosa, MG: Arka.

Coleman, James A. 1998. Evolving intercultural perceptions among university language learners in Europe. In: Byram, Michael; Fleming, Michael (Ed.). *Language learning in*

intercultural perspectives: Approaches through drama and ethnography. Cambridge: Cambridge University Press, p. 45-75.

Dalmonin, Indira Sartori et al. 2013. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 66, n. 3, p. 442-447.

Dutra, Elza. 2002. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 371-378.

Ellis, Rod. 1994. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

Ellwood, Constance. 2011. Undoing the knots: identity transformations in a study abroad programme. *Educational Philosophy and Theory*, v. 43, n. 9, p. 960-978.

Engberg, Mark E.; Jourian, T.J. 2015. Intercultural wonderment and study abroad. *Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad*, v. XXV, p. 1-19.

Figueredo, Carla Janaina. 2007. *Construindo pontes: a produção oral dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua-cultura estrangeira*. 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

França, Maria Cristina Caminha de Castilhos. 2008. Cidadãos do mundo: experiências pessoais e familiares entre participantes de um Programa de Intercâmbio Cultural. *Mouseion*, v. 2, n. 3, p. 46-63.

Kinginger, Celeste. 2011. Enhancing language learning in study abroad. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 31, p. 58-73.

Kinginger, Celeste. 2013. Identity and language learning in study abroad. *Foreign Language Annals*, v. 46, n. 3, p. 339-358.

Kramsch, Claire. 1998. *Language and culture*. Hong Kong: Oxford University Press.

Pedersen, Paula J. 2010. Assessing intercultural effectiveness outcomes in a year-long study abroad program. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 34, p. 70-80.

Roberts, Celia. et al. 2001. *Language learners as ethnographers*. Clevedon: Multilingual Matters.

Salisbury, Mark H. et al. 2009. Going global: Understanding the choice process of the intent to study abroad. *Research in Higher Education*, v. 50, p. 119-143.

Sena, Andreilina Pimentel et al. 2014. Internacionalização da educação superior: um estudo com alunos intercambistas de uma instituição de ensino superior do Brasil. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 22, n. 122, p. 1-25.

Wang, Chilin. 2010. Toward a second language socialization perspective: Issues in study abroad research. *Foreign Language Annals*, v. 43, n. 1, p. 50-63.

Yang, Min; Webster, Beverly; Prosser, Michael. 2011. Travelling a thousand miles: Hong Kong Chinese students' study abroad experience. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 35, p. 69-78.

Apêndice

Perguntas feitas aos participantes deste estudo:

- 1) Por que você quis participar do Programa de Intercâmbio PLI?
- 2) Eu gostaria que você falasse sobre como foi a sua experiência no programa de intercâmbio.
- 3) Como foi se perceber brasileiro(a) em Portugal?
- 4) E o que é ser brasileiro(a) no Brasil?
- 5) Que percepções você tinha sobre o povo português antes de participar do Programa? O que se manteve e o que mudou após o período de intercâmbio?
- 6) Que percepções você tinha sobre Portugal antes de participar do Programa? O que se manteve e o que mudou após a viagem?
- 7) Como os portugueses o(a) viam durante o programa?
- 8) O que você podia fazer lá que não podia fazer aqui e vice-versa?
- 9) Você teve alguma dificuldade em compreender o português falado em Portugal?
- 10) Que diferenças você pode listar entre o português falado em Portugal e o falado no Brasil?
- 11) Você se lembra de ter percebido algum conflito intercultural durante a sua participação no Programa? Caso afirmativo, como você lidou com esse conflito? Poderia falar sobre isso?
- 12) O que é ser um universitário no Brasil e em Portugal? Que diferenças e semelhanças você percebeu entre os dois sistemas educacionais?
- 13) O que é morar no Brasil e morar em Portugal?
- 14) Você teve dificuldades durante a sua participação no Programa? Relate as mais relevantes.
- 15) Que contribuições a participação no programa trouxe para a sua carreira e para a sua vida?